

Crítica // Wicked: Parte II ★★

ENTRE UM VENDAVAL DE EMOÇÕES, AS CHAMADAS BRUXAS DE OZ VÃO ESTREITAR AINDA MAIS OS LAÇOS NESTE EFICIENTE E CINTILANTE MUSICAL DE JON M. CHU

NA TORCIDA PELO IMPROVÁVEL

Ricardo Daehn

Entre dueto e duelo, numa trama de intenso aprendizado, as atrizes Ariana Grande e Cynthia Erivo são o chamariz explosivo da continuação do musical lançado, há um ano, pelo diretor Jon M. Chu. Quem estranhou a cantora Ariana colocada como coadjuvante num musical de sucesso que invadiu a cerimônia do Oscar e fez estardalhaço de bilheteria, dessa vez, não terá do que reclamar: nos “caminhos que se cruzam” da Bruxa Boa, Glinda (Ariana), e da Bruxa Má do Oeste (Cynthia), Elphaba, é a vez de equiparação, na trama entrelaçada aos eventos do clássico *O Mágico de Oz* (1939).

Há muito a ser desenvolvido no roteiro de Stephen Schwartz (criador do musical), Winnie Holzman e Dana Fox. E, nisso a concentração da montagem de Myron Kerstein (de *Em um bairro de Nova York*) faz toda a diferença, ao tornar tudo claro e movimentado. “O Mágico mente”, tenta alertar (num

UNIVERSAL / DIVULGAÇÃO



Wicked: Parte II: trama de intenso aprendizado

recado estampado no céu) a exilada Elphaba, no filme que tem narrativa potente em denunciar silenciamento e ainda em reproduzir riscos e temores com a carga de restrições aos moldes de governos totalitários (com instrumentos eficientes de propaganda).

Na pele do Mágico de Oz, Jeff Goldblum é irretocável (ao lado das protagonistas), no número musical *Wonderful*.

Alianças, pactos e a tentativa de se cooptar tipos bem determinados, junto com um passa e repassa do Grimmerier (o livro definitivo das mágicas), dinamizam situações que ganham solução abrupta.

Confronto com tragédias (em que o ciclone, que conecta *Wicked* ao filme clássico de 1939, parece fuchinha), perseguições e injustiças (que originam as existências do

medroso Leão, do empedernido Homem de Lata e do pouco confiante Espantalho) deixam o filme mais emocionante em relação à primeira parte. A nostalgia se ilumina com o presenciar da construção da estrada dos tijolos amarelos com a narrativa de aquisição e com o sumiço dos famosos sapatos de rubi. O que segue não funcionando são as enojativas e toscas músicas que

exigem participação coletiva da população de Oz.

Cynthia Erivo agarra com ferocidade todas as cenas com oportunidades de redenção para a Bruxa Má. Ainda que se reconheça limitada, e bem cumpra a missão de “sorrir e acenar”, no papel da virtual oponente de Elphaba, Glinda traz um encanto que serve à perfeição para Ariana Grande. Frágil, ela abraça a função de elevar o astral geral (e entoa *Couldn't be happier*), enquanto se conforta com a fútil tarefa de enganar, pelas inofensivas mentiras associadas à varinha de condão e as fraude e bravatas propagadas desde a infância. Uma das melhores cenas traz o desafio cômico entre Glinda e Elphaba, ambas enamoradas do capitão Fiyero (Jonathan Bailey), surpreso por um casamento à vista. É Fiyero quem puxa o mote central e decisivo do longa: a possibilidade de vermos, constantemente, as coisas de uma outra maneira. Depois do filme do ano passado, é muito bom assistir a esse, com outros olhos.

OZ PLAY/DIVULGAÇÃO

Jornada de ouro

Filme muito aplaudido no Festival de Veneza, *Jay Kelly*, de Noah Baumbach, traz apostas de real chance nas indicações para o Oscar dos atores George Clooney e Adam Sandler (coadjuvante, no caso). Com estreia na Netflix marcada para 5 de dezembro, o longa está nos cinemas de Brasília. O personagem

central é um paparicado astro de cinema que viaja ao lado do onipresente empresário (Sandler). Aspectos do passado virão à tona no enredo que traz ainda participações de Billy Crudup, Laura Dern, Jim Broadbent, Patrick Wilson e Greta Gerwig (atriz e diretora casada com Baumbach).



Jay Kelly